O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis—Semestre, 1$500 réis—Trimestre, 800 réis.

NUMERO 234 | **TERÇA-FEIRA 6 DE OUTUBRO DE 1863** | **TERCEIRO ANNO**

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

AVEIRO

Em o nosso número de 18 do mez findo, occupando-nos dos premios universitarios, promettemos voltar á questão no número immediato. Não o podémos fazer n'esse, nem nos subsequentes, por motivos superiores á nossa vontade; mas vamos fazel-o hoje.

No primeiro artigo que escrevemos sobre o objecto em questão, dissemos de que modo o patronato conseguia fazer sobresair em Coimbra estudantes, que só se avantajam aos seus condiscipulos pelo número de lições que dão, e pela escolha das materias, sobre que são convidados a fallar.

Dar boas lições, quando as materias, pelo seu natural agrado e importancia, se prestam a isso, não nos parece, em verdade, cousa muito para admirar, principalmente quando o estudante sabe, com antecipação de dias, o objecto ácerca do qual tem de discorrer. Tirar recursos de materias aridas e de nenhuma importancia, accrescendo, de mais, a circumstancia de se ignorar o dia e o objecto, sobre que se ha de dar lição, affigurou-se-nos sempre difficil empreza, e quasi insuperavel obstaculo para os que, ao sentarem-se nos bancos da universidade, concebem a esperança de fazerem ahi figura mais que regular, sem se valerem de recommendações.

N'ess'outro artigo indicámos um meio que nos parece asado para acabar com similhantes desegualdades. Folgariamos de ver pôr em practica esse, ou outro qualquer, que mais convenientemente parecesse; porque estamos convencidos de que sem isso não deixaremos nunca de ver alardear diplomas de premios a individuos que, postas as cousas nos devidos termos, valem, ás vezes, muito menos do que outros, que foram sempre tractados como estudantes regulares, ou menos que regulares.

Mas dissemos nós que na distribuição dos premios influe muito o patronato, exercido pelo modo que já referimos, podendo ainda accrescentar que n'isso tem muito pezo as considerações pessoaes, e a sympathia ou dessympathia, que este ou aquelle lente tem por qualquer de seus discipulos; e como não gostamos de deixar desajudadas de provas as proposições que avançamos, citaremos alguns factos comprobativos das nossas asseverações.

Para não remontarmos a tempos mais afastados, aproveitar-nos-emos para isso de alguns factos que se deram no anno lectivo proximamente findo.

Entre os estudantes distinctos, pertencentes ao curso, que no anno passado frequentava o 4.º juridico, contava-se um, que nos annos anteriores obtivera sempre um *accessit* (cremos que o 1.º). Não faltavam más linguas que affirmassem que n'isso influia a consideração de ser esse estudante filho de lente; e nós não deixavamos de acreditar que os, que assim pensavam, não se afastavam completamente da verdade.

Aconteceu, porém, que em uma das aulas do 4.º anno esse estudante deu algumas lições tão más, como só as costumam dar os estudantes mais inhabeis, ou os mais cábulas, e tanto, que na primeira o sr. dr. Neiva chegou a manifestar-lhe bem claramente o seu desagrado. A sua frequencia n'essa aula devia talvez fazer-lhe receiar um R, se fosse estudante regular; como era premiado, apenas devia deixar de contar com o premio, e era isso o que todos esperavam. Mas não succedeu assim. Apezar da sua má frequencia na aula de direito civil, e de não ter dito maravilhas nas outras duas aulas, o sr. M. teve no fim do anno o *acccessit* do costume. De alguma cousa lhe havia de servir o ser natural de Coimbra e filho de um lente da faculdade.

Agora um outro caso, que póde em certo modo considerar-se como contra-prova do antecedente.

Pertence ao mesmo curso o sr. Cerqueira Lobo, que no 2.º e 3.º anno levára o 2.º premio. O sr. Cerqueira Lobo era o primeiro estudante do seu primitivo curso juridico, e sel-o-ia egualmente n'aquelle, a que hoje pertence, se ahi não fosse encontrar um individuo, que a muito talento reune um grande fundo de conhecimentos adquiridos em largos annos de estudo.

Mas s. s.ª não é homem para seguir cegamente as opiniões ou o systema de um professor, quando se não conformam com o que lhe dicta a sua mui esclarecida rasão. As materias mais seccas e positivas expõe-as elle sempre fazendo as ver á luz dos principios philosophicos e racionaes, com os quaes e com as bellezas de seu estylo seductor, consegue amenisal-as tanto, que a quem o escuta parece estar ouvindo cousas mui differentes do que estudára em casa.

E' bem claro que, sendo verdade o que fica dito, o sr. Cerqueira Lobo não podia deixar de desagradar ao sr dr. Neiva. O homem que julga ter grande merecimento em armasenar na memoria as palavras de quantos artigos de legislação patria e estrangeira encontra citados nos auctores que compulsa; o professor de direito que se dá ao trabalho de reter as expressões textuaes, pelas quaes qualquer praxista manifesta o seu parecer a respeito de uma dada questão, e que julga fazer figura distincta dizendo a proposito das cousas mais simples e claras tudo quanto pode fornecer-lhe a memoria, ou os livros que consultou; o lente que só fica satisfeito com o estudante, que na lição repete fielmente quanto s. ex.ª dissera da cadeira abaixo no dia antecedente; o lente que tem taes qualidades, dizemos, não podia agradar-se do talento brilhante do sr. Cerqueira Lobo.

Já em tempo se disse n'este jornal como s. ex.ª o tratou na primeira lição. Resta dizer que o sr. Cerqueira Lobo deixou vago o seu logar de 2.º premiado, e teve apenas uma pobre *distincção!!!*

Factos d'estes não carecem de commentos; narram-se, e é quanto basta.

De premios, por brevidade, ficaremos por aqui, e só diremos mais, se nos forçarem a isso. Brevemente fallaremos das informações.

Em seguida publicâmos a correspondencia, que a esta redacção foi dirigida pelo nosso patricio e amigo o sr. João Maria Regalla:

Sr. redactor.

Li no «Campeão das Provincias» n.º 1170 de 26 de setembro ultimo uma correspondencia do sr. Elias Fernandes Pereira, na qual este senhor se queixa dos srs. Santos Pacheco e José Chrispiniano, os quaes (diz elle) depois de o haverem aconselhado em pleno Club a levar dinheiro pela amputação da perna feita á filha de Maria Rebello, fizeram em seguida uma reunião nas salas do lyceu d'esta cidade afim de promoverem uma subscripção para pagar a quantia de dez libras, que pela mesma operação elle pedia a mãe da operada.

Diz mais, que aquelles srs. o trataram com deslealdade; dirige-se-lhes d'uma maneira insultuosa; elogia-se a si proprio, e por fim entretem-se comigo, declarando-me que tome para mim tambem tudo quanto diz dos meus collegas, porque, se não assisti á reunião em pleno club, estive presente á do lyceu.

Protesto contra aquelle modo de se me dirigir, e primeiro que tudo empraso o sr. Elias para que ponha bem patente as ulceras que me aconselha que acautelle; e em seguida ouça o publico e avalie se somos eu e os meus collegas os desleaes, *generosos* e hypocritas, ou se o é aquelle sr.

Na tarde do dia da operação, depois de termos assistido todos á analyse do tumor na perna amputada, viemos para casa do sr. Chrispiniano onde se fallou dos poucos meios que a mãe da operada tinha para poder remunerar o nosso trabalho.

Disse eu então que me parecia não serem tão precarias as circumstancias da doente, que nos não podesse pagar; mas os meus collegas mais bem informados, convenceram-me do contrario,

Combinou se, portanto, entre todos que não só se não levasse nada pela operação, mas até que se pozesse em practica a generosa idêa do sr. Santos Pacheco, de tirar uma subscripção para se comprar uma perna artificial. O sr. Elias tanto combinou nisto, que até se offereceu para escrever a um artista do seu conhecimento, afim de que a perna se obtivesse mais barata. Ficaram assim as coisas, e os jornaes da localidade deram com enthusiasmo a noticia das nossas combinaõões.

Passado tempo fui convidado pelo meu collega o sr. José Chrispiniano para comparecer nas salas do lyceu d'esta cidade. Lá fui; e quando me disseram que o sr. Elias tinha esquecido o que todos tinham os combinado, e que tinha riscado da memoria o que os jornaes haviam escripto a este respeito, porque pedira dez libras á mãe da operada, achei-o homem sem caracter, porque faltara ao que nos havia promettido, achei-o ambicioso, porque tinha dado este passo sem nos consultar, receando decerto que lh'o não consentissemos.

Tratámos então eu e os meus collegas de subscrever cada um com o que podesse, e pedir mesmo a subscripção de todas as pessoas para se lhe pagar, e para levar a effeito a compra da perna artificial, já que aquelle sr. se havia separado de nós. Eis o nosso crime! Eis as minhas ulceras a as dos meus collegar! Eis a *nossa generosidade* e a nossa hypochrisia!!! Olhe, sr. Elias, com a nossa reunião quizemos saciarlhe a sede de dinheiro que o devora. Quizemos livrar a pobre mãe da operada de vender as casas em que habita, seu unico patrimonio, para lhe poder pagar.

Não o quizemos depreciar, porque para isso são sufficientes os passos que o sr. Elias vae dando na sua vida incipiente. Não quizemos lançar stigma na sua vida, que não é esse o nosso caracter, nem tememos que os seus creditos scientificos nos venham supplantar. Não tenha tanta vaidade, que é feio. Não se chafurde tanto no immundo charco da ambição, que a sociedade pode ter nojo de si. Aprenda a lição de caridade, que tão publicamente se lhe deu, com receio de não aproveitar d'outra sorte, porque o seu proceder mostra bem que no seu coração não ha o mais leve vestigio d'aquelle sentimento, o que é um grande mal, e para os grandes males grandes remedios.

Não me espere mais n'este campo que a minha vida não me dá tempo; e não se esqueça de mostrar as minhas ulceras, aliás a nova geração medica pode não estimar que nos seus membros se incontre *gente tão digna e de tão bons sentimentos.*

João Maria Regalla.

Administração do concelho d'Agueda

O «Campeão das Provincias», cujo odio, confundido e unificado com o do ex-administrador, emparelha com o dos grasinas-proletarios contra o actual administrador, por levantar barreiras ao despotismo e corrupção, que campearam desembuçados no concelho d'Agueda, tão infeliz e desventuroso outr'ora, quanto hoje é venturoso e feliz, por ver na gestão dos negocios administrativos, a lei e a moralidade conceder, e dar a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus; calca desaforadamente a verdade, calumnía com o descaro de quem foi desmentido e contrariado com manifestações para elle da maior abominação, e abalança-se a excessos de toda a casta para atrophiar a nossa regeneração, que pulula dos corações de todos, nos quaes lançou raizes. Mas está muito longe de attingir o fim, por que almeja!

Que dizemos nós?! «Campeão das Provincias»!! Oh! não, não se coaduna com a sua redacção tão pomposo nome. O que melhor se ajusta com a sua *politica* é o de=«Campeão do João Ribeiro»=, por ser o strenuo defensor dos seus caprichos mesquinhos, que se expandem em perjurios, e em quantas torpezas ha possiveis, uma vez que ellas sorriam aos seus féros instinctos, torpezas essas, que denigrem os homens da mais infima ralé! E' o «Campeão» de tal homem, e não das necessidades das provincias. E' o «Campeão» do despotismo, e não da liberdade. E' o «Campeão», emfim, do terror e da oppressão, e não do alivio e consolo dos povos.

A prova d'isto, que affirmamos, está n'essa guerra de capricho, e de falsidade, que nas suas columnas concita, todas as vezes que isso convem ás suas pertenções, e ás do ex-administrador, que andam sempre unidas contra o administrador cavalheiro, bondoso, intelligente, zeloso e honrado, o sr. Joaquim Alvaro.

Mas que tem feito o «Campeão», e quem o inspira com essas falsas accusações, que só teem por egide o genio da maldade?! Arreigar mais profundamente as sympathias e apoio ao sr. Joaquim Alvaro no animo de todos os cidadãos do concelho d'Agueda, que se teem exasperado de indignação contra esses miseraveis escribas, e exercer em larga escala o neophitismo nos que ainda estavam perplexos.

FOLHETIM

PAE CAMARADA

POR

PAULO FÉVAL

Trad. por M. S.

(Continuação do numero 233.)

Estes sonhos são insensatos.—Em torno de nós reinava o socego d'uma esplendida manhã de outomno, no meio dos bosques. A brisa tepida trazia o austero perfume das ramagens. Eu ouvia perto o som dos grandes olmos lentamente balouçados. Era possivel que as aves tivessem um cantar tão commovido? Nunca eu ouvira as aves cantarem d'esta sorte. Ao longe, o moinho repetia o seu som monotono, e a distancia diminuia até ao murmurio o mugidor chamamento dos touros. Havia ali uma parreira, cujas vermelhas folhas faziam á janella uma grinalda de purpura, e os raios do sol, incidindo obliquamente sobre ella, introduziam entre os seus festões um diamante de bagos molhados das uvas maduras.

Eu não me lembro de tudo isto: vejo-o, sinto-o, escuto-o. Tenho no ouvido o som da pendula que nos indicava as horas. Ante meus olhos está a jardineira rustica, onde os altivos lirios roxos misturavam seus pronunciados matizes com as desmaiadas melancolias das plantas corymbiferas. Tudo se conserva vivo para mim, até a figura ingenua, e honestamente comica d'aquelle bravo medico d'aldêa, orgulhoso do milagre produzido pela sua poção.

E em verdade, eu disse a v. exc.ª todas estas cousas, pelo encanto de lhas dizer, minha senhora; não se passou cousa alguma que possa motivar esta minudenciosa exposição. Regalei o egoismo de minhas recordações; eis ahi tudo. Exactamente quando o doutor estava no melhor do seu triumpho, um espasmo me comprimiu o coração. Eu não soffria, mas sentia a cama tremer debaixo de mim, e tinha difficuldade em respirar. Não sei se adormeci; creio antes que tive uma syncope. O que é certo é que deixei de ouvir e de ver.

Durou muito este estado de insensibilidade, era noute quando elle terminou. Uma lamparina, collocada a distancia do meu leito, deixava o meu quarto em uma semi-escuridade. Um ronco sonoro guiou meus olhos para uma poltrona, onde o bom doutor dormia como um justo. Quiz chamar, porque me atormentava uma sêde ardente; não pude; a minha ferida que de manhã só tinha pequenas picadas, fazia-me agora soffrer cruelmente.

Uma sombra passou deante da lamparina, desenhando o perfil de uma estatura exquisita. Qual seria? Eu senti uma mão que me erguia a cabeça com precauções infinitas, e a frialdade de um vidro tocou meus labios. Bebi com avidez. Depois de haver bebido, toquei levemente com os labios os dedos que seguravam o vidro. Não soou palavra. Uma gota d'agua me caíu sobre a fronte. Seria uma lagrima?

A que me apresentara a bebida estava entre mim e a lamparina. Seu rosto permanecia na sombra e eu não podia vel-o. Qual d'ellas seria? Devo dizer que as agradaveis sensações, que tinham enchido em meu proveito as horas da manhã, estavam sob um veu. Não restava d'ellas se não um vago reflexo, que voltejava em meu pensamento entorpecido. A situação do meu espirito não era por isso se não mais singular. Esta dupla affeição existia em mim para o futuro independentemente de todo o trabalho mental. Parecia-me que isto sempre assim tinha sido, e que os meus dois amores eram a minha existencia mesma. A imagem de minha mãe veio visitar-me essa noite: depois do accidente era a primeira vez que isto acontecia. Fiquei admirado ao principio, de a ter esquecido, ainda que fosse um só instante; mas em meu cerebro amollecido todas estas noções de ternura se confundiam admiravelmente. Não havia ahi senão uma ternura: eu amava, e o somno da minha intelligencia deixava no estado de enygma o mysterio do meu coração. Eu nem mesmo desejava esclarecer esta noite, em que vagamente não entrevia se não venturas e sorrisos. Darei a v. ex.ª d'uma vez o nivel infantil do meu pensamento, dizendo-lhe que para mim nenhum choque, nenhuma rivalidade, nenhum embaraço era cousa possivel. Eu fazia-me socegadamente o centro de instante a um somno de doze horas, acreditava realmente nos seus remedios. Isto é houroso e raro. (*Continúa.*)

Assás temos provado a indole do «Campeão», e sobejamente temos demonstrado o seu caracter maleavel e flexivel no outro e n'este artigo: resta-nos agora confutar o que elle diz no n.º 1167, o que vamos fazer, depois de aqui expendermos, de passagem, algumas considerações

Disse o «Campeão» que o sr. Joaquim Alvaro fôra mettido em processo pela procuradoria regia da relação do Porto por contar para si salarios exorbitantes, e s. ex.ª evidenciou o contrario com um documento passado pelo delegado d'Agueda.

Affirmou o mesmo jornal, que s. ex.ª não restituira o dinheiro d'uns orphãos de Macieira, de que fôra depositario, que pagára a um crédôr de tres contos de réis, com 30 moedas, lançando-o aos empurrões fóra de casa, que fôra connivente nos assassinios de Magalhães e Branco, e que extorquira da recebedoria do concelho do Vouga 138$000, a pretexto de pagar ás forças populares do Vouga; e s. ex.ª provou exuberantemente com documentos o contrario.

Asseverou que a casa de s. ex.ª era valhacouto de recrutas refractarios, por se servir de graça com um criado refractario; e s. ex.ª demonstrou o contrario com documentos authenticos, caindo assim por terra todos os castellos das suas arguições, armados no ar.

A gente de tal natureza a melhor resposta que se lhe pode dar é o despreso.

Sumi-vos no pó da terra, calumniadores, e não torneis a apparecer na arêna da imprensa com as vossas baboseiras; porque daes sempre occasião a que vos detestem, e aborreçam, por martyrisardes horrivelmente a verdade!

Ainda não fizestes uma unica accusação, que não fosse calumniosa! As vossas arguições ao melhor dos administradores, longe de lhe diminuirem os seus subidos creditos, augmentam-lh'os, e vós ficaes reduzidos a menos, que os *lepidopteros!*

Estranha o «Campeão» que só 139 signatarios n'um concelho, que tem 5000 fogos, abonassem o procedimento do sr. Joaquim Alvaro. Não tem que estranhar; porque esse manifesto foi assignado espontanea e independentemente por homens illustrados; e claro é que, se os não illustrados tivessem conhecimento da resolução d'aquelles cavalheiros de convicções firmes e inflexiveis, em vez de 139, seriam tantos, quantos soubessem escrever, por se compenetrarem das verdades, ali exaradas, que militam a favor do administrador modelo. Logo caem por sua natureza as argucias do «Campeão».

Admira-se o mesmo jornal de que o sr. padre Freitas assignasse tambem o manifesto.

Não ha rasão plausivel, que justifique tal admiração; porque, se o sr. padre Freitas foi uma vez injusto para com o actual administrador, persuadindo se do seu erro, arrependeu-se mesmo do que erradamente dissera, conheceu que não tinha rasão, e a consciencia disse-lhe que não devia apoiar um partido, cujo chefe, apezar de estar apeado do poder, não duvidava arvorar-se n'um tyrannete mais requintado, do que em outro tempo, começando a postergar a verdade, e a ensaiar o seu antigo systema, para tocar a realisação das suas aspirações.

A adhesão a tal gente é um crime de lesa-liberdade; foi por isso que o sr. Freitas a abjurou, negando-se desde logo a publicar uns tediosos artigos, que o sr. João Ribeira escrevêra.

O arrependimento é credor de perdão, o erro, susceptivel d'emenda, os remorsos, mediadores entre uns e outros, e a consciencia, illucidada por elles, o juiz arbitro das acções do homem: e foi ella que dirigiu o sr. Freitas por caminho direito, e que pediu, qual outro *Marcello*, clemencia á gente honrada; e ella, como *Cesar*, acudiu-lhe com ella, absolvendo-o dos seus erros. Logo o sr. Freitas, longe de merecer censura, é digno de louvor.

Demais o sr. prior de Belazaima, sendo partidario do sr. João Ribeiro, não assignou o manifesto? E porque? porque entendia que elle dizia a verdade.

Continuaremos. *C.*

Supprimento d'algodão

A guerra dos Estados-Unidos, que tão pertinaz e prolongada se tem tornado, tem promovido naturalmente a formação de companhias para irem procurar o algodão, em toda a parte onde elle pode cultivar-se.

Faz-se isto, principalmente, na laboriosa e emprehendedora Inglaterra, que não falla só, obra.

Extractamos, a este respeito, as seguintes palavras do relatorio, publicado pela associação do supprimento d'algodão de Manchester, n.º 1.º de setembro d'este anno:

«A inexoravel logica dos acontecimentos está nos recommendando estudos, cheios d'interesse no futuro. Se a «fome do algodão» (que ha muito tempo se esperava de outras causas sem ser a que a trouxe) tivesse sido menos prolongada e menos severa, teriamos tido um recurso contra a cega confiança n'uma só origem de supprimento, da qual tanto soffrimento tem resultado. Tudo conspira para tornar isto agora uma impossibilidade. A lição tem sido demasiado dura, e tem profundamente ferido o espirito, para tornar-se esquecida. A esperança por tanto tempo concebida, de que a guerra devia em breve terminar e espalhar o algodão accumulado nos Estados do Sul, continua a parecer tão longe como nunca da realisação.

As recentes operações militares no Valle do Mississipi levaram o ardor da lucta a esta região, da qual até aqui temos feito principalmente o nosso supprimento d'algodão americano. A situação dos quatro principaes estados d'algodão, Missipi, Alabama, Georgia e Carolina do Sul, expostos ás devastações da guerra, qualquer que seja o resultado de occasionar a total destruição das colheitas em depósito, e tal revolução no systema de trabalho do sul, que por um periodo muito longo diminuirá a sua possibilidade de producção.

Por isso ainda muitos annos precisamos de olhar por toda a parte para os nossos supprimentos, e não devemos poupar esforços em procural-os.

O pensamento em que se tem estado de que a guerra seria de curta duração, ha retardado demasiado a cultura do algodão nos paizes, que ultimamente a começaram. Uma nova empreza, apezar de promettedora, será francamente proseguida se tiver a apprehensão de que o fim da guerra se aproximará rapidamente.

Não se deve recear d'isto; herculea lucta não só será sustentada, mas augmentada. A maravilhosa planta, que tem sido uma fonte tão rica de prosperidade e riqueza, pode ser cultivada em tantos paizes, que no futuro excitará bastante surpreza ter um só conseguido fazer d'ella monopolio.» (*Diario Mercantil.*)

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos

1.ª Repartição

Não tendo havido oppositores nas circumstancias de serem apresentados no concurso documental aberto para provimento da egreja parochial de Santa Maria de Carquere, no concelho de Rel zende, do bispado de Lamego; manda Sua Magestade El-Rei, que, nos termos do artigo 16.º do decreto de 2 de janeiro do anno proximo preterito, se abra concurso, por provas publicas, perante o respectivo ordinario, para provimento da sobredita egreja parochial, observando-se as prescripções do decreto de 9 de dezembro ultimo.

O que, por ordem do mesmo augusto senhor, se participa ao vigario capitular do bispado de Lamego, para sua intelligencia e devidos effeitos.

Paço, em 25 de setembro de 1863.—*Gaspar Pereira da Silva.*

Direcção geral dos negocios de justiça

1.ª Repartição

Querendo solemnisar a epocha do nascimento do principe herdeiro da corôa, com que á Providencia Divina aprouve felicitar a monarchia portugueza, praticando um acto de clemencia tão amplo quanto seja compativel com a segurança commum e com a disciplina militar; hei por bem, exercendo uma das attribuições do poder moderador, que me é mais agradavel, e tendo ouvido o conselho d'estado, dscretar o seguinte:

Artigo 1.º E' concedida amnistia para os crimes:

I De abuso de liberdade de imprensa, em que sómente seja parte o ministerio publico;

II De contrabando, ficando perdidos a favor da fazenda e das pessoas a quem pertencer, segundo as leis, ao objectos respectivos ao mesmo contrabando;

III De sedição ou assuada, não tendo havido offensa de pessoas ou propriedades, embora se tenham soltado vozes sediciosas;

IV De deserção simples do exercito ou armada, ou de deserção aggravada, se esta o tiver sido sómente pela subtracção ou descaminho de objectos da fazenda.

§ 1.º Os processos instaurados pelos ditos crimes ficam de nenhum effeito, e n'elles se porá perpetuo silencio.

Os réus que estiverem presos serão soltos, se por outro motivo não deverem se retidos na prisão.

§ 2.º Aos desertores sómente aproveitará esta amnistia, apresentando se elles dentro de dois mezes no reino, de quatro nas ilhas adjacentes e de seis no ultramar, contados quanto ao reino e ilhas desde a data em que este decreto for publicado na ordem do exercito ou da armada, e quanto ao ultramar desde o dia em que for publicado na capital da provincia.

Art. 2.º A's praças de pret não comprehendidas no n.º 4.º do artigo antecedente, e condemnadas pelo crime de deserção simples ou aggravada por alguma das circumstancias mencionadas no artigo 6.º da lei de 21 de julho de 1856, e bem assim ás sentenciadas por incorrigibilidade, fica perdoada a quarta parte da pena em que foram condemnadas.

Art. 3.º A's praças de pret que tiverem commettido transgressões de disciplinas ficam perdoadas as penas em que incorreram e lhes foram impostas.

Art. 4.º Aos réus rondemnados á pena de morte, por sentença passada em julgado, fica a mesma pena commutada na de degredo perpetuo nas possessões da Africa oriental.

Art. 5.º Aos réus condemnados, por sentença passada em julgado, em alguma das penas perpetuas de trabalhos publicos, prisão maior ou degredo, ficam estas penas commutadas na de degredo temporario por quinze annos para a Africa occidental, a contar desde a promulgação do presente decreto.

Art. 6.º Aos réus condemnados, por sentença passada em julgado, em penas maiores temporarias de qualquer natureza que sejam, fica perdoada a quarta parte do tempo da condemnação.

Art. 7.º As penas correcionaes de prisão ou desterro, impostas por sentença passada em julgado, que não excederem a um anno, ficam perdoadas aos réus; e, quando excedam, fica-lhes perdoado um anno das sobreditas penas.

Art. 8.º Nas disposições dos artigos antecedentes não são comprehendidos os réus que, depois de condemnados por sentença passada em julgado, tiverem obtido commutação ou diminuição das penas que lhes foram impostas, nem aquelles que, tendo sido accusados pela parte offendida, não tiverem obtido o perdão d'ella.

Os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições o tenham assim entendido e façam executar. Paço da Ajuda, aos 28 de setembro de 1863.—REI.—*Duque de Loulé—Visconde de Sá da Bandeira—Anselmo José Braancamp—Gaspar Pereira da Silva—Joaquim Thomás Lobo d'Avila—José da Silva Mendes Leal.*

Querendo que a epocha do nascimento do principe herdeiro da corôa, com que á Providencia Divina aprouve felicitar a monarchia portugueza, abra uma nova era de paz para Portugal, de esquecimento para as passadas discordias civis, e de perdão para todos os actos criminosos que d'ellas resultaram, ainda mesmo para os não comprehendidos no decreto de 10 de outubro de 1862: hei por bem, usando da faculdade que me confere o poder moderador, que pela carta me pertence exercer, e tendo ouvido o conselho d'estado, revogar o artigo 3.º do citado decreto de 10 de outubro de 1862; a fim de que a amnistia por aquelle decreto concedida possa ser igualmente applicada aos crimes exceptuados no referido artigo 3.º, tendo elles sido praticados por occasião da commissão de algum crime politico e destinados a facilitar-lhe ou assegurar lhe a execução ou os effeitos.

Os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições o tenham assim entendido e façam executar. Paço da Ajuda, aos 28 de setembro de 1863.—REI.—*Duque de Loulé—Visconde de Sá da Bandeira — Anselmo José Braancamp — Gaspar Pereira da Silva—Joaquim Thomás Lobo d'Avila—José da Silva Mendes Leal.*

TRIBUNAL DE CONTAS

No processo de julgamento da conta da responsabilidade de José Taveira Pinto de Azevedo, como thesoureiro pagador do districto d'Aveiro desde 1 de julho de 1860 até 30 de junho de 1861, se proferiu no tribunal de contas o accordão do teor seguinte:

Accordam os do conselho no tribunal de contas:

Vista a conta corrente de José Taveira Pinto de Azevedo, relativa á sua gerencia, na qualidade de thesoureiro pagador do districto d'Aveiro, no periodo que decorreu desde 1 de julho de 1860 até 30 de junho de 1861;

Vistos os documentos justificativos da mesma conta;

Vistas as leis e regulamentos relativos á arrecadação e contabilidade publica e, especialmente, os decretos com força de lei n.os 1, 2 e 3 de 19 de agosto de 1859, e o regimento do tribunal de 6 de setembro de 1860;

Visto o regulamento a fl. 86;

Considerando achar-se provado que o debito do dito responsavel importa em réis . . .	190:288$213
a saber:	
Pelo saldo da conta anterior:	
Em dinheiro	3:319$652
Em papeis de credito — letras .	2:025$574
Em impressos sellados . .	3:815$406
Reposições dos ministerios . .	83$855
Impressos sellados para vender .	2:844$000
Operações de thesouraria, em que se comprehendem transferencias e passagens de fundos e outras cobranças	178:199$726
	190:288$213
Considerando importar o credito em réis	190:288$213
a saber:	
Pagamento por ordens dos ministerios	80:460$034
Impressos sellados vendidos . .	1:346$310
Operações de thesouraria — transferencias e varias entregas . .	97:156$746
Existencia que, em 30 de junho de 1861, passou á conta seguinte:	
Em dinheiro (papel moeda réis 28$000).	4:084$213
Em papeis de credito . . .	1:927$814
Em impressos sellados. . .	5:313$096
	190:288$213

Considerando que da comparação do debito com o credito resulta achar-se esta conta saldada:

Julgam o referido José Taveira Pinto de Azevedo quito e livre de responsabilidade pelos seus actos, relativos á sua gerencia de thesoureiro pagador no districto de Aveiro, no periodo que decorreu desde 1 de julho de 1860 até 30 de junho de 1861; devendo responder na conta seguinte do anno economico de 1861-1862 pela existencia, que n'esta se abona, nas especies já designadas; cumprindo declarar que, não obstante dizer se na conta a fl. 4 a 9, que no saldo em transição se comprehendem no dinheiro 48$000 réis em papel moeda, comtudo a verdadeira importancia que se comprehende ali n'essa moeda é só a de 28$000 réis, como se manifesta do talão 232, a que se refere a relação competente a fl. 180 v.

Lisboa, 30 de janeiro de 1863.=Albergaria=Nogueira Soares=Lara=Margiochi.=Fui presente, Ramiro Coutinho.

Está conforme.=Secretaria do tribunal de contas, 6 de maio de 1863.=*Caetano Francisco Pereira Garcez.*

EXTERIOR

Extraimos o seguinte dos jornaes estrangeiros:

Marselha 25.—As cartas de Constantinopla trazem noticias do Caucaso desfavoraveis para os russos.

As tropas veteranas haviam sido substituidas por recrutas, e as circassinas tomavam a offensiva por toda a parte.

O «Herald de Levante» censura as despezas com a reconstrucção do serralho e as prodigalidades do sultão para com as tropas.

Turim 25.—Hontem passou o rei uma grande revista ás 51 baterias de Somma.

O rei e os principes foram muito victoriados.

Londres 25.—O balanço do banco deu em resultado o seguinte: augmento na conta do thesouro 919,981 lb. sterlinas; em carteira 308,869, diminuição na reserva de bilhetes 151,165; rendimento em metal 23,728; cartas particulares 625,35.

Paris 25.—O «Pays» publica uma nota em que tenta atenuar o effeito produzido pela publicação no «Moniteur» de uma carta dirigida ao principe Czartorysk pelo comité nacional da Polonia.

A «France» publicou uma nota anologa.

Cracovia 25.—O chefe dos insurgentes Celinski teve nos dias 21 e 22 alguns encontros com as tropas russas commandadas pelo general Cnengery, e a vantagem foi para os polacos.

Paris 26 (pela manhã).—Noticias de Nova York de 17 dizem que Lincoln havia suspendido o «Habeas Corpus.»

De Charleston sabe-se que os federaes haviam estabelecido baterias na ilha Maris, para bombardear a cidade até que se rendesse.

De Vera-Cruz ha noticias que alcançam até ao dia 5.

O general Forey mandou sahir do Mexico o encarregado dos negocios do Peru, por sustentar correspondencias com Juarez.

Por via de Jamaica se sabe de S. Domingos, que os hespanhoes haviam bombardeado Puerta Plata, destruindo em grande parte a povoação e castigando com a morte muitos dos seus habitantes.

Na Havana acreditava-se que a insurreição de S. Domingos havia sido promovida por agentes federaes.

Idem 26 (á noite).—O «Pays» desmente o boato que se havia propalado da demissão de Drouyn de Lhuis do cargo de ministro dos negocios estrangeiros.

E' falsa a noticia de que o barão Gros, que regressa amanhã para Lodres, vá ser substituido.

Tambem affirma o «Pays» que as noticias dadas pela «Nation» acerca de communicações dirigidas ao governo austriaco, são falsas.

A viagem do principe Napoleão a Londres nada tem de politico.

Paris 27.—Tendo o periodico «A Presse» dito que mr. Drouyn de Lhuis era o responsavel pelo giro da politica exterior, o «Moniteur» lembra hoje que só o imperador é quem tem a direcção dos negocios publicos.

O «Memorial Diplomatico» diz o seguinte: «A França espera que a Inglaterra e a Austria tomem sérias medidas ácerca da questão polaca, e não consentirá nunca que as tres potencias façam vãs demonstrações á Russia.

Berlin 26.—Escrevem de Varsovia que a auctoridade russa occupou todos os conventos por encontrar em alguns delles armazens com uniformes militares.

O general Mourawieff deixará o seu cargo em Wilna para ir a Berlin no proximo mez de outubro.

Breslau 26.—A «Gazeta de policia de Varsovia», publica um decreto ordenando a confiscação de todo o edificio d'onde sáia um tiro de espingarda.

Os habitantes serão presos e responsaveis. Isto é extensivo á casa em cujo interior for commettido um attentado contra qualquer empregado russo.

Rochaiski, pertencente á gendarmaria nacional polaca, foi enforcado em Varsovia por ordem do general Berg.

Londres 26.—Os federaes obtiveram importantes vantagens em Charleston, occupando a ilha Morris, o forte Wagner e Gregg depois de uma energica resistencia. São senhores da esquerda da entrada na bocca de Charleston até Cunimunisgo-Point. Na direita continua o bombardeamento.

Pariz 28.—O bispo de Orleãs, M. Dupanloup mandou fazer preces a favor da Polonia.

O jornal «La Nation» diz que o representante da Russia em França foi recebido por M. Drouyn de Lhuys sabbado passado.

A «France» diz que é provavel que o conde Walewski vá como embaixador de França para Londres.

Turin 27. — A «Gazeta Official» publica um decreto retirando o *exequatur* aos consules pontifices na Italia. Este documento é acompanhado por um outro ministerial que justifica esta medida, adoptada a exemplo da côrte pontifice, que expulsou o consul de Italia em Roma, fazendo politica a medida adoptada pelo governo italiano para com o consul pontificio em Napoles.

Vienna 27. — A imprensa relata as scenas occorridas na igreja de Santa Cruz em Varsovia, no dia do attentado contra o general Berg. As sepulturas foram profanadas e as alfaias roubadas.

Diz a folha: «Emquanto Gortschakoff tinha a affeição do czar estão os periodicos de S. Petersburgo prégando o exterminio dos polacos.»

Cracovia 27. — Chniselinski foi batido pelos russos.

Os russos devastaram a cidade de Dzialoszyce e saquearam as lojas israelitas.

Um alfaiate chamado Isaak Sama foi torturado em uma fogueira.

Mourawieff emprega na Lithuania as maiores perseguições para alcançar mensagens de lealdade para com o imperador.

Paris 27. — Embarcaram em Toulon 800 homens para a Cochinchina.

A deputação mexicana saiu hoje para Miramar residencia do principe Maximiliano.

Southampton 28. — Chegou o correio das Antilhas com noticias da Havana de 6, e de Porto Rico de 12; e deste ultimo ponto detalhes da insurreição de S. Domingos.

Os compromettidos na primeira insurreição, tendo alcançado armas e munições, penetraram em Puerto Plata, onde queimaram algumas casas, matando homens, mulheres e creanças, e até mesmo os hespanhoes doentes que se achavam nos hospitaes.

Um navio de guerra hespanhol que chegou ao porto com tropas de desembarque, intimou os rebeldes para que se rendessem e á vista da resistencia por parte destes fez fogo sobre a povoação, desembarcou as tropas, e esta, depois de fazer fugir os rebeldes castigaram aquelles que dentro de Puerto Plata haviam auxiliado os criminosos.

Os rebeldes haviam-se internado no paiz fugindo das tropas hespanholas que corajosamente os perseguiam.

Esperavam-se grandes reforços de Puerto Rico e Cuba.

Londres 28 (á noite). — O ministro dos negocios estrangeiros lord Russell pronunciou um discurso em um banquete vituperando o procedimento da Russia, por ter desconhecido as obrigações impostas pelos tractados de 1815.

Accrescentando o mesmo lord que continuava na convicção de que a honra e os interesses da Inglaterra não exigem que se faça a guerra á Russia por causa da Polonia.

Paris 29. — O principe Napoleão e o representante da França na Gran Bretanha, barão Gross saíram para Londres.

Nova-York 19. — Está imminente uma batalha nas margens de Rapidan. Parte do corpo expediccionario commandado pelo general Franklin, e cujo destino era evadir Tejas, foi rechaçado pelos confederados.

Copenhague (sem data). — No discurso regio da abertura da Dieta, diz-se que o rei está firmemente resolvido a defender a independencia da Dinamarca.

A «Gazeta da Cruz» de Berlim, dá as seguintes noticias em data de 23.

«Hoje foi expedida a resposta do rei da Prussia aos principes e aos representantes das cidades livres, que communicam a S. M. as resoluções tomadas no congresso dos soberanos em Francfort.

Esta resposta rejeita as propostas da Austria e dos confederados, reclama como condições de uma reforma federal uma posição para a Prussia egual á da Austria, o direito de veto para cada uma das duas potencias e uma organisação differente da representação nacional na confederação.»

Uma communicação transmittida á «Agencia Havas» diz que o relatorio sobre aquelle assumpto, dirigido ao rei pelo ministerio em 15 de setembro, queixa-se de que o projecto de reforma federal tivesse sido communicado ao rei de um modo incompleto e posteriormente á data das cartas de convite endereçadas aos outros soberanos; requer o direito de voto para cada uma das duas grandes potencias allemãs contra uma declaração de guerra, em quanto o territorio federal não for atacado, a paridade completa da Austria e da Prussia no directorio, a eleição directa e attribuições mais amplas para a representação nacional.

O ministerio propõe ao rei recusar a sua adhesão ao projecto, mas entrar em negociações com os principes confederados sobre os pontos acima referidos e convocar, se assim convier, conferencias ministeriaes para elaborar outro projecjo de reforma, o qual fosse apresentado ou aos representantes eleitos da nação ou ás camaras dos diversos estados.

A «Abelha do Norte» faz um quadro mui negro da situação da Russia sob o aspecto commercial e monetario. Eis um trecho do seu artigo:

«A falta de dinheiro é extrema; sente se não sómente nas provincias, mas até no centro principal do movimeto monetario da Russia, isto é, em S. Petersburgo. E' uma causa de preoccupação para todos.

Os banqueiros elevaram o desconto a 9 e a 10 por cento sobre os melhores valores, não obstante o banco da Russia, obrando como uma instituição do estado mais do que como uma casa de commercio, mantem o seu desconto a 6 e 1/2 por cento.

A situação é tanto mais assustadora quanto é impossivel assignar-lhe um termo fixo. A exportação das fazendas e productos russos para o estrangeiro conserva-se em completa estagnação com grande prejuizo de todas as nossas cidades populosas e de nossos portos, S. Petersburgo, Moscow, Riga, Odessa etc.» (*Rev. de Setembro.*)

NOTICIARIO

Ferrabraz. — Do «Commercio de Lisboa». Um tal Francisco, cabo de policia da freguezia de S. Paulino, ia hontem de chanfalho á cinta pela rua dos Cordoeiros, e entendeu que não devia perder a occasião de mostrar ao respeitavel as suas tendencias para a esgrima.

O acaso feliz proporcionou-lhe um ensejo favoravel. Uma mulher passava agarrada a um homem pedindo-lhe por todos os santos da côrte do Céo que fosse com ella para casa. O homem resistiu, atirou um bofetão á Dulcinea, e safou-se correndo pela rua fóra. A mulher gritou, o que deu logar a que apparecesse o nosso *Ferrabraz* de espada em punho e apito na bocca. Como não achasse a sua victima, investiu com um devoto de Bacho que, a um canto, se refocilava nas delicias de Morpheu. Agora o verão. O arreguenho era inexcedivel, e teria tido um resultado fatal, se não interviesse uma patrulha municipal.

E querem que haja respeito por estes agentes da auctoridade publica!

Dois sálolos. — (Do o mesmo jornal.) Dois saloios, *elle* e *ella*, andavam hontem á noite pelas ruas da cidade vendo a illuminação, e entretendo o seguinte dialogo, que para contar aos leitores, tivemos occasião de observar.

Ella — (Em frente da relojoaria do sr. Plantier) O' Zé o que quer dizer aquellas letras V. P. R.?

Elle — Quer dizer — Viva o Plantier, relojoeiro.

Ella — (Em frente da relojoaria do sr. Girôd) O' Zé o que querem dizer aquellas iniciaes?

Elle — Quer dizer — Vendo poucos relogios.

Ella — (Em frente da camara municipal) O' Zé como traduzes tu aquellas letras?

Elle — Traduzo — Vamos para a rua.

Ella — (Em frente do arsenal) O' Zé o que quer dizer aquillo? L. M. V. P. R.

Elle — Quer dizer — Leal ministro valente para reformas.

Ella — (Em frente do estabelecimento de madame Aline) O' Zé o que quer dizer aquelles L. M.?

Elle — Quer dizer — Loja de modas.

E depois lá foram seu caminho muito contentes da sua vida.

Brinde regio. — Diz o «Portuguez», que o sr. dr. José Eduardo de Magalhães Coutinho recebeu das mãos de S. M. El-Rei D. Luiz, uma rica caixa de ouro para rapé, toda cravada de brilhantes, com os retratos do mesmo augusto senhor e de S. M. a rainha.

Foi este o acto generoso de SS. MM. para com o distincto medico do paço, e não a graça do titulo de visconde, como tinhamos annunciado.

El-Rei D. Fernando. — (Do mesmo jornal.) Entrou hoje a barra de Lisboa e fundeou no Tejo, o vapor de guerra «Mindello», conduzindo a seu bordo S. M. El-Rei o senhor D. Fernando.

Apenas se deu signal de estar á vista o vapor, sahiu do paço El-Rei o senhor D. Luiz, o senhor Infante D. Augusto, e pessoas da côrte em serviço, e se dirigiram ao caes de Belem, onde embarcaram para ir ao encontro de seu augusto pae.

Ao mesmo tempo sahiram da alfandega e do arsenal da marinha, em differentes escaleres, os srs. director, guarda-mór e inspector da alfandega, major general da armada, vice-almirante Costa Carvalho e inspector do arsenal, para tambem irem fazer as respectivas honras ao real viajante.

Logo que o «Mindello» fundeou, subiram a bordo as augustas personagens e auctoridades, que mencionamos, e diversos ministros e mais pessoas de distincção, recebendo o excelso principe, com a maior satisfação e agrado, os testemunhos de affecto manifestados por seus carinhosos filhos, e demonstrando com a maior urbanidade e delicadeza, aos cavalheiros que tiveram a honra de o cumprimentar, o quanto se achava penhorado pelas provas de sympathia, que encontrava ao regressar á sua patria adoptiva.

No rosto do senhor D. Fernando transluzia a mais viva alegria, não só por se ver de novo na terra a que tão dedicado tem sido, como por estar sabedor do nascimento do seu real neto, penhor de felicidade e esperança para o Rei seu filho e para o nobre Portugal.

As augustas personagens desembarcaram no meio das mais vivas demonstrações de sympathia do grande numero de povo que as estava aguardando, dirigindo-se logo o senhor D. Fernando ao paço d'Ajuda a dar os parabens a sua augusta e virtuosa nora.

Esta noute appareceram illuminadas as fronteiras de algumas casas particulares e diversos estabelecimentos publicos, em signal de alegria pelo regresso do sympathico rei artista.

Festa a favor das escolas. — A activa associação civilisação popular, que tão poderoso contingente está dando para a educação do povo, ministrando gratuitamente a instrucção a perto de cem pessoas, faz uma grande festa no passeio publico do Rocio, no dia 4 do corrente.

Publicando parte do programma, e explicando os intuitos da funcção, cremos haver dito bastante para que o passeio se encha.

Ultima noite de illuminação com fogo de artificio, em beneficio das aulas da associação civilisação popular; esperando-se que o honrará com a sua presença El-Rei o senhor D. Fernando, que pela primeira vez, depois do seu regresso, se apresentará entre os populares que dedicam extremoso affecto ao Rei artista.

A chegada de El-Rei, será annunciada por uma grande salva de morteiros, tocando-se n'essa occasião o hymno de Sua Magestade.

A associação civilisação popular, cujo fim é derramar a instrucção pelas classes laboriosas, conta já nas suas aulas diurnas e nocturnas de instrucção primaria e secundaria, cento e sessenta alumnos, que as frequentam gratuitamente, sendo por consequencia toda a despeza a cargo da associação, que não podendo pelas forças do seu cofre dar todo o desenvolvimento ao grande principio da educação popular que assim mantem em larga escala, recorre philantropia e caridade publica, esperando ser auxiliada pelo benemerito povo lisbonense nesta cruzada civilisadora concorrendo ao seu beneficio.

A commissão encarregada d'esta festa popular, desejando tornal-a verdadeiramente solemne e magestosa, contractou com o melher e mais habil pyrotechnico, que se acha em Lisboa, mr. Alfred Ireland um fogo superior na qualidade e quantidade a quantos se tem queimado este anno no passeio publico, tendo por isso a satisfação de convidar o respeitavel publico, a assistir a um fogo monstro, cujo programma será publicado.

A's sete horas e meia da noite uma grande salva de morteiros annunciará o começo desta festa de caridade.

Duas bandas de musica, a de infanteria 2 e a dos alumnos cegos da real casa pia, tocarão alternativamente as mais escolhidas peças de seus reportorios.

A's 9 horas e meia da noute, impreterivelmente começará o grande fogo.

(*Conservador.*)

Surpreza em familia. — Scenas se representam ás vezes no theatro, das quaes os casuistas se admiram; e ás quaes os fiscaes da verosimilhança chamam mentira, e todavia dão-se na vida intimia acontecimentos extraordinarios que davam bem para excellentes dramas. Diz Camillo Castello Branco: — que neste mundo ou tudo é verdade ou não ha verdade nenhuma; e assim é.

Ha annos o honrado chefe de uma honesta familia composta delle, sua mulher, duas filhas, e uma prima já edosa, entrou uma noite em casa trazendo pela mão uma menina que teria dois annos, e disse á consorte pouco mais ou menos estas palavras:

—Menina, trago-te um presente. Esta creancinha que seus paes abandonaram, que as auctoridades iam mandar para um hospicio, e que eu me incumbi de educar e sustentar. E' um acto de caridade que Deus nos ha de agradecer. Temos mais uma filha, e como tal a havemos de tratar. A nossa fortuna não soffre com isso baixa.—

A esposa, senhora de muitas virtudes, aceitou de bom grado a sua nova filha adoptiva; as duas meninas beijaram e affagaram a sua nova companheira, e a pobre engeitadinha foi sempre tratada como filha.

Cresceu. Formou-se linda como os anjos, e está hoje uma mulher.

O dono da casa ha um anno morreu com testamento. Aberto este foi ali encontrada uma clausula que resa assim:

«Deixo outrosim em dote á nossa filha adoptiva F... o que está encerrado no cofresinho secreto dentro do segredo da minha secretária, o qual será aberto um anno completo depois da minha morte, ficando aos meus testamenteiros a obrigação de darem cumprimento ao que determino no papel que está dentro desse cofre.»

O anno terminou antes de hontem (29 de setembro), e aberto o cofre foram nelle encontrados 4:000$000 rs. em notas do banco de Portugal, e uma declaração nos seguintes teamos:

«F... é minha filha. Minha santa mulher perdoará o meu erro, e o meu engano como suffragio á minha alma. Ella que sempre lhe serviu de mãe continual-o-ha a ser; e rogo-lhe que a case bem.

«O pequeno dote que aqui deixo a F... junto á belleza e virtudes de que Deus a dotou e á educação esmerada que lhe deu sua mãe adoptiva são boas garantias para o seu futuro. — Assignado F...»

Julgue-se da surpreza de toda a familia e da formosa menina ao verem o desfecho de tão extraordinaria historia. (*Revolução de Setembro.*)

Proprietario segundo Prudhon. — Chamam utopista a Prudhon por dizer entre outras cousas que a propriedade é um roubo.

Um tal A. G., segundo se vê no diario policial, tendo desejos de ser proprietario e havendo talvez lido o celebre escriptor, disse lá comsigo:

— Ah! a propriedade é um roubo; então quem rouba é proprietario. Pois vou roubar.

E ás 3 horas e meia da noite foi-se ao tapume de um predio na rua da Conceição, e arrancando varias taboas transportou-as para o seu quintal.

Vendo isto uma patrulha perguntou-lhe:

—Quem é você?

—Proprietario, tornou elle.

—Pois ha de ir preso porque está roubando.

E prendeu-o. Eis a consequencia dos municipaes não haverem lido a theoria de Prudhon!

(*Idem*)

Berço real. — Diz o «Conservador», que o berço do principe real foi executado sob a direcção do habil estofador o sr. Gardè. E' em fórma de corôa todo dourado em obra de talha do bello gosto, e tem sobreposta a corôa real da qual pendem os cortinados que são de magnifico estofo de seda verde bordada a oiro. Os lavores são delicadissimos. Todas as materias primas são nacionaes. A seda foi tecida na cidade do Porto.

Este berço deve figurar na ceremonia do baptisado.

Carroagem de graça. — Conta o mesmo jornal, que dois sugeitos para figurarem no «Te-Deum», não tendo trem nem meios para o obterem, e desejando por algumas horas passar por fidalgos, foram á rua do Arco da Bandeira, metteram-se n'um trem, e durante o dia:

«...Em aureo coche percorrendo as ruas

«Do pó que encheu seu berço o povo alagam.»

A' noite despiram a magnificencia, e mostrando-se taes quaes eram fugiram sem pagar ao cocheiro.

A policia não conseguiu prendel-os.

Caminho de ferro. — O rendimento liquido da linha ferrea do sul, no mez de agosto foi, comprehendendo o saldo do mez antecedente, de 44:205$849 rs. E a receita do caminho de ferro de leste e norte foi....?

Aposentação. — Diz a «Epoca» que vae ser aposentado o exm.º barão de Porto de Moz do cargo de presidente do tribunal de contas.

Nova associação. — (Do mesmo jornal.) O socialismo não cessa de progredir. Todas as classes abraçam essa santa causa e se dedicam com affan no seu triumpho.

Agora são os operarios do contracto do tabaco que tentam crear uma sociedade de soccorro reciproco, com o titulo de=União Fraternal=.

Sigam ávante o seu nobre intento, e a posteridade os abençoará.

Este dá esperança! — (Idem.) Hontem (1.º) um menor, por nome Constantino da Silva, zangou-se com um individuo, e chegando ás do cabo enterrou-lhe uma pequena navalha que trazia em uma das nadegas, e deu ás de villa diogo.

Agarrado que foi pela policia, não se lhe encontrou a navalha com que *sangrára* o seu contendor.

Effeito do jogo. — (Idem.) No jogo de chinquilho na rua do Monte Olivete n.º 8 houveram hontem (1.º) suas altercações entre um «parceiro» e o «barateiro», do que resultou ficar este gravemente ferido no rosto.

O que deu e o que levou lá foram ambos para o *Ocio*.

Esfaqueamento. — Lê-se na «Voz do Alemtejo» (correspondencia de Estremoz):

Em a noite de 23 para 24 foi barbaramente esfaqueado um celebre Bernardino, que costumado a embriagar-se, insultava, quando se achava em tal estado, todos com palavras menos convenientes; desta vez menos feliz que d'outras, foi victima do seu mau vinho, pois está em perigo de vida. Apezar das pesquizas da auctoridade, ainda até hoje se não poude saber quem foram os criminosos. Quando acabará este estado de coisas é que não sabemos; a maior parte dos crimes, que se praticam n'esta terra ficam impunes, ou porque se não sabe quem os praticou, ou por se ausentarem os criminosos. Isto leva-nos a crêr que a policia é mal feita, não por vontade do sr. administrador, que é um excellente cavalheiro, mas pelos seus agentes que não são dos melhores, e s s.ª confia demais em alguem em quem o não devia fazer.

A quem pertence? — Um quidam, que não conhecemos, sahiu hontem a passear, e vendo a atmosphera carregada preveniu-se do seu garda-chuva (se não estivesse a chuver seria guarda-sol), e sahiu para a rua.

Andou, andou, e os seus calculos falharam-lhe: nem pinga d'agua cahia, e até poucos aguadeiros diziam *aí*.

E' um tanto atrazador andar de *seringa* quando não chove; e por isso o nosso patusco, sem mesmo consultar o seu estado financeiro, deixou cahir o guarda-chuva no chão.

A patrulha municipal, que ali passou ás 7 horas e tres quartos da noite, não seguiu a opinião do astronomo offendido no seu amor proprio e levou o decantado objecto para a estação dos Paulistas.

Se o dono d'aquella *prenda* reconsiderar, póde ir buscal-a. (*Epoca.*)

Safa! que figados! — O 369 da 2.ª companhia da guarda municipal teve que intervir hontem em favor d'uma mulher, a quem o *carinho* do maritimo João Machado fôra evidente revelado; porque este senhor lhe apertou as guellas com as mãos e a maltratou de pancadas.

No «Hotel da Paciencia» começou o curativo d'aquelles ataques *nervosos*. (*Idem.*)

Lubricidade. — Quatro d'esses homens para quem nada ha sagrado n'este mundo, tentaram hontem á uma hora da noite, contra o pudor de uma pobre lavadeira de Fanhões, na rua Nova da Palma. A pobre rapariga clamou por soccorro, e tendo acudido aos gritos dois municipaes, conseguiram ainda capturar dois dos individuos, que eram um almocreve e um criado de servir.

Parece incrivel que haja quem se associe para emprezas tão odiosas. (*Conservador.*)

Roubo. — Na noite de sabbado para domingo commetteu-se na nossa ria um roubo, que a todos surprehendeu pela novidade da descoberta.

Entrou ha dias a barra d'Aveiro o hiate «D. Luiz» para carregar sal.

Na referida noite foi o «D. Luiz» assaltado por 5 homens engaboados.

Achava-se a bordo apenas o mestre e um rapaz, cosinheiro. Os tripolantes tinham partido para Ilhavo, a 5 kilometros d'esta cidade, d'onde são naturaes: O rapaz dormia no porão; os ladrões poseram-lhe a escotilha,e carregaram-a com alguns pesos para não poder ser levantada; e descendo em seguida á camara, acordando o mestre, um dos ladrões lhe dirige as seguintes palavras:

— Onde está o dinheiro?

— Mandei-o entregar ao consignatario do navio—respondeu o mestre.

— Vamos ver se é verdade—disseram os ladrões.

E encaminhando-se para onde o mestre guardava o dinheiro, apoderando-se d'uma sacca que continha cento e oitenta e tantos mil réis, a arremeçaram vazia ao chão.

Em seguida disse um dos ladrões para os companheiros—matamol-o?

—Não—responderam os outros — prende-se e deixa-se ficar.

Assim fizeram, e se tornaram a afastar do navio sem poderem serem reconhecidos.

O mestre conservou-se por muito tempo na posição em que os ladrões o deixaram, á espera que chegassem os tripolantes, mas como estes não appareciam, lá subiu como pôde para o convés, e gritando, accudiram uns homens que passavam n'um barco, que o desamarraram, e a quem elle contou o que lhe havia acontecido.

Houve quem suspeitasse da tripolação, pelo facto do navio ser conhecido dos ladrões, e por estes serem 5, numero exacto dos tripulantes.

Mas nós estamos longe de lançar tal labéo sobre homens, que aproveitando-se dos poucos instantes que podem ficar junto das familias, talvez estivessem a essas horas gosando a companhia dos parentes.

O mestre declara tambem que pela altura não reconhecia nos ladrões nenhum dos seus tripolantes.

Mas os perpetadores do roubo sabiam que a bordo havia dinheiro, e onde o mestre o guardava. E' por isso de suppor que fossem pessoas que conheciam o navio.

De mais, o «D. Luiz» é um hiate novo, e poucas ou nenhumas vezes aqui tem entrado.

Pedimos á auctoridade que empregue todas as deligencias para descobrir os ladrões.

Não estavamos acostumados a ver assaltados os navios da nossa ria, por isso o acontecimento veio-nos surprehender.

Prevenimos. — Ha cousa de 4 annos veio para Cacia uma mulher de S. João de Loure. Esta mulher é casada, mas o marido acha-se ausente no Brasil, e tendo apparecido gravida, o regedor preveniu-a que a obrigaria a crear o fructo das suas entranhas.

Proximo a dar o filho á luz, desappareceu a mulher, e voltando ha pouco áquelle logar, não disse o que fez ao recemnascido. As pessoas da localidade suppõem que houve infanticidio.

Prevenimos a auctoridade, e esperamos que se indague a verdade.

Festividades. — Teve logar no domingo a festividade de Nossa Senhora do Rozario na freguezia de Esgueira.

Houve fogo preso e illumição no domingo á noite, e consta nos que houvera bastante concorrencia tanto á festividade como ao fogo.

Na freguezia de Cacia tambem houve festividade no domingo, sendo muito concorrida pelos povos da localidade, Sarrazolla e Angeja.

Resposta. — Ao repto, que nos dirigiu no seu número ultimo o outro jornal da localidade, respondemos que não é necessario trazer para a imprensa os nomes dos cavalheiros, a que alludimos na local que occasionou o emprasamento do contemporaneo. O facto, que referimos, contaram-no elles, não ha muitos dias, no Club perante bastantes pessoas; sendo por isso facil ao contemporaneo o saber os seus nomes, sem que tenhamos de os escrever aqui.

Devemos, porém, declarar em homenagem á verdade que, averiguando melhor o caso, soubemos que a reunião em casa dos redactores do «Campeão» não foi expressamente convocada, mas casual, nem chegou a fallar-se ao sr. Manuel Ferreira para executar o plano, mas lembrou-se ahi o seu nome para esse fim.

CORREIO

Terminaram os festejos que tiveram logar pelo nascimento do principe real herdeiro da corôa; mas o publico parece ainda preoccupado com a alegria que vai pela côrte, por que não sabe dissimular a impressão do seu contentamento, nem furtar-se ás manifestações de sentimento tão profundo e verdadeiro como é o que ha oito dias trasborda no coração dos portuguezes.

Os proprios adversarios da dynastia reinante prestam homenagem ás manisfestações do povo, e a «Nação» orgam dos partidarios d'um principe exilado, felicita em artigo principal da sua folha do dia 2, suas magestades pelo nascimento de seu augusto filho.

E' nobre registrar aqui o testemunho do jornal legitimista, que dá idéa dos sentimentos briosos dos seus illustrados redactores:

«Terminaram hoje os festejos officiaes.

«Agora nós, que não podemos tomar parte n'esses festejos, mas que tambem não podemos deixar de, respeitosos, dar os parabens aos augustos principes pelo nascimento do seu primogenito.

Recebam-os, que são sinceros, são leaes.

Não os dita a lisonja; porque, cortesãos do infortunio, não podemos ser filhos d'essa escola; não são inspirados pelo vil interesse, porque não esperamos, nem acceitariamos retribuição.

Portuguezes e christãos, podemos combater as idéas que não suppomos boas, as acções que julgamos prejudicam a nossa patria; mas não deixamos de nos contristar, quando vemos chorar os nossos irmãos pela patria, embora com differentes principios; nem nos negamos a dar-lhes os parabens, quando ha motivo para isso.

Vemol-os alegres, porque o seu chefe tem um successor; este facto, que não prejudica as nossas creanças, nem póde offerecer o minimo estorvo á realisação de nossas esperanças, parece felicital-os; recebam, pois, os nossos emboras.

Dando os devidos parabens aos augustos progenitores do recemnascido principe, fazemos ao ceo ardentes votos para que elle se torne digno das bençãos da posteridade, o que só poderá conseguir sendo verdadeiro catholico e, como tal, respeitador da justiça e do direito.»

O ultimo boletim do paço diz que sua magestade a Rainha e o principe real passam sem novidade.

Diz tambem que suas magestades, el-rei o sr. D. Luiz, El-Rei o sr. D. Fernando; Sua Alteza o sr. infante D. Augusto, se acham no melhor estado de saude.

E' nos grato dar estas noticias.

No dia 1 chegou a Lisboa abordo do vapor «Mindello» o sr. D. Fernando, com quatro dias de viagem de Bordeux.

Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz e Sua Alteza o sr. Infante D. Augusto, acompanhados dos seus camaristas e ajudantes, e dos srs. ministros da marinha e do reino, dirigiram-se em tres galiotas para bordo do «Mindello», apenas constou a sua aproximação á foz do Tejo. Em frente de paço d'Arcos a galiota real atracou ao «Mindello» para receber S. M. e A. e as mais pessoas que os acompanhavam.

O «Mindello» fundeou defronte do caes de Belem, onde SS. MM. desembarcaram ás onze horas e meia da manhã.

O regimento de infanteria n.º 1 e um esquadrão de lanceiros achavam-se ali postados para fazerem a guarda d'honra.

N'essa occassião reuniu muito povo n'este local, que saudou el-rei o sr. D. Fernando com vivos signaes de satisfação.

SS. MM. dirigiram-se em seguida para o palacio da Ajuda.

S. M. El-Rei o Sr. Luiz tinha resolvido receber no paço da Ajuda no dia 3 pela uma hora de tarde, as felicitações que pelo motivo do fausto nascimento do principe real, lhes fossem dirigidas.

As senhoras pertencentes á côrte eram tamtambem admittidas a esta recepção real.

Tambem na mesma occasião seriam recebidos os cumprimentos dirigidos a SS. MM. pela chegada de El-Rei o sr. D. Fernando

A recepção esteve brilhante, como conta a «Gazeta de Portugal», e nós aqui transcrevemos:

«Hoje era o dia que Sua Magestade El Rei destinára para receber do corpo diplomatico, da côrte e das mais pessoas officialmente designadas, as felicitações pelo nascimento do principe real, e pela chegada de El-Rei D. Fernando.

Foi luzido o cortejo. El-Rei entrou na sala á uma hora e meia da tarde, e recebeu com a sua costumada benevolencia os cumprimentos proprios desta occasião solemne. Pareceu a todos que Sua Magestade, como era natural, dava mostras visiveis de satisfação.»

Está resolvido que o baptisado do principe real tenha logar na igreja de S. Domingos como era vontade do povo da capital.

Dizia-se que o baptisado teria logar hoje, anniversario do consorcio d'El-Rei, mas que ficou adiado talvez para o fim do mez.

Não se sabe ainda o nome que será dado ao principe recem-nascido. A'cerca do mesmo assumpto encontrâmos no «Jornal do Commercio» o seguinte:

«Discorre-se muito ácerca do nome do principe real.

Dizem uns que será Pedro, outros Luiz; estes affirmam que é Fernando, aquelles que é Victor Manoel.

E ainda ha quem diga que é Carlos Alberto.

Os quatro primeiros nomes todos tem o seu fundamento.— Pedro, era o nome do Rei querido e de boa memoria, e era tambem o do iniciador da liberdade portugueza; — Luiz, é o nome do augusto pae; —Fernando do avô, assim como o de Victor Manoel.

Este tem já em si uma recordação da antiga alliança das duas dynastias.

Cremos, todavia, que o nome do augusto principe, ainda ninguem o sabe senão seus augustos paes e parentes.»

Consta que os padrinhos do recemnascido serão El-Rei o senhor D. Fernando, e a princeza Clotilde, esposa do principe Napoleão.

Estiveram brilhantes as illuminações que se fizeram na capital para festejar o nascimento do principe. A illuminação mandada fazer pela camara de Belém produziu bonito effeito.

As illuminações serão repetidas no dia do baptisado, e a da camara de Belém será augmentada com fogo de vistas.

No dia em que chegou a Lisboa o sr. D. Fernando, a cidade illuminou-se tambem.

N'esta noite foram SS. MM. El-Rei o senhor D. Luiz e o sr. D. Fernando ao theatro de D. Maria II, onde foram recebidos com demonstrações de mais viva alegria.

Em uma das referidas noites percorreram S. M. El-Rei e o sr. infante D. Augusto as principaes ruas da capital a presenciar as illuminações.

O povo recebia os reaes visitantes com visiveis signaes de sympathia.

Sob a epigraphe «achado» encontramos no «Jornal do Commercio» o seguinte, que passamos a transcrever:

«Ha pouco encontrou-se na casa da moeda uma collecção de preciosos e variados objectos.

Segundo nos contaram, havia naquelle estabelecimento uma casa fechada, e bem fechada, onde ninguem entrava havia muito tempo.

O sr. Bettamio d'Almeida quiz saber o que continha aquella casa, e mandou-a abrir.

Encontraram-se differentes volumes, nos quaes se acharam uma caixa muito preciosa, uns oratorios antigos de prata do seculo XV; differentes alfayas, como arrecadas de oiro, um broche rico, diamantes em bruto, cereaes de prata modernos, e um cunho das peças do tempo do ex-infante D. Miguel.

O sr. Bettamio d'Almeida, como homem intelligente, chamou dois artistas, os srs. Annunciação e Bastos, para examinarem aquelles objectos, e poder conservar os que o merecessem. Outro qualquer fundiria talvez toda a prata; mas o sr. Bettamio, que felizmente administra hoje aquelle estabelecimento, sabe dar valor ao que a arte estima.

Parece que se ignora a data precisa da entrada dos alludidos objectos na Casa da Moeda, e a sua verdadeira proveniencia.

Suppõem-se que seriam dos conventos extinctos; mas, a existencia do cunho, pode levar a crer que pertenceriam ao espolio do ex-infante D. Miguel, que elle entregou quando sahiu de Portugal, e talvez uma parte fosse da sr.ª infanta D. Maria da Assumpção, fallecida em Santarem.

Isto são supposições nossas. Esperamos ter uma noticia exacta d'este curioso achado.»

No «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro lê-se a seguinte noticia:

«O paquete inglez «Paraná» trouxe-nos a deploravel noticia de terem ficado quasi destruidas por um incendio as malas que levou o paquete francez «Navarre», do Brazil para Inglaterra e do Rio da Prata para todos os destinos, e principalmente para Allemanha.

O «Navarre» tendo deixado o nosso porto no dia 21 de julho proximo passado, achava-se a 14 de agosto no de Lisboa, quando se manifestou o incendio no camarote onde estavam as malas, ficando estragadas as que acima apontamos, apesar dos soccorros que logo foram prestados.»

Despachos telegraphicos

(Demorado pelo mau estado da linha)

(Ao *Commercio do Porto*)

LISBOA 3 D'OUTUBRO A'S 11 HORAS E 20 MINUTOS DA MANHÃ

A Dieta de Francfort votou a execução federal do Holstein.

Nova-York 21.— Os federaes foram derrotados em Tenessee, e retiraram para Chattanoga.

O ouro está a 40.

LISBOA 5 D'OUTUBRO A'S 11 HORAS E 12 MINUTOS DA MANHÃ

O archiduque Maximiliano recebendo a deputação mexicana declarou que acceitava a corôa do Mexico com a condição de que o paiz ratificaria o voto do conselho dos notaveis.

Assegura-se que a imperatriz dos francezes parte de S. Sebastião de Biscaya para Lisboa, guardando o incognito na viagem.

MOVIMENTO DA BARRA D'AVEIRO

Embarcação entrada em 2 de outubro de 1863

S. MIGUEL. — Hiate portuguez «S. Lourenço» mestre A. Vieira, 6 pessoas de tripolação — com carregamento de pozzolana a Domingos da Silva Souto.

Vento N.—Mar agitado.

ANNUNCIOS

EDITAES

A junta do lançamento da contribuição industrial do concelho d'Aveiro, em cumprimento do artigo 1.º da carta de lei de 7 de julho de 1862, faz saber que se acha concluida a matriz da contribuição industrial, relativa ao presente anno de 1863, conforme o determinado no artigo 42 das instrucções de 26 de setembro de 1860; e por isso convida pelo presente edital a todos os contribuintes a examinal-a pelo espaço de 10 dias successivos, que começaram no dia 5 do corrente mez na secretaria da repartição de fazenda d'este mesmo concelho, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, sendo-lhes permittido reclamar quando do exame fiquem convencidos de que houve erro na designação das pessoas e moradas ou de emprego, profissão, industria, arte ou officio.

Injusta designação na classe.

Indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

Inexactidão na designação do facto ou factos sobre que tem de recahir a contribuição. E para constar se passou o presente e outros de igual theor que serão publicados e affixados nos logares do costume.

Administração do concelho d'Aveiro 1 de outubro de 1863.

O presidente

Manuel José Marques da Silva Tavares.

A junta dos Repartidores das contribuições predial e pessoal, n'este concelho d'Aveiro pelo presente anno, faz saber que se acha installada na casa das suas sessões nos paços do concelho, e que vae dar principio aos trabalhos das ditas contribuições.

E para constar e poderem os contribuintes reclamar o que lhes convier, se passou o presente e outros de igual theor, que serão publicados e affixados nos logares do costume.

Aveiro, casa das sessões da junta, 1.º de outubro de 1863.

O presidente

Manuel José Marques da Silva Tavares.

A meza do governo da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, ha de dar de aforamento no dia 18 do corrente mez, á porta da casa do despacho da mesma Santa Casa, duas terras citas no Canal do Campo d'Angeja, cujas terras, até 1859, as cultivou Manuel Simões d'Azevedo, de Cacia.

Por ordem de s. ex.ª o sr vigario geral d'este bispado se faz publico o seguinte:

1.º Que no dia 12 do proximo mez d'outubro pelas 10 horas da manhã, se hão de abrir as aulas de disciplinas ecclesiasticas d'esta diocese.

2.º Que os dias destinados para as matriculas, são os dias 9 e 10 do referido mez.

3.º Que os ordinandos, que houverem de matricular-se no primeiro anno; deverão munir os seus requerimentos com os documentos d'approvação das disciplinas preparatorias exigidas pelo decreto de 29 de agosto de 1859.

4.º Que nos requerimentos de todos se declare a filiação do alumno, o nome da profissão do pae, freguezia e concelho da naturalidade, e a rua da sua residencia n'esta cidade.

Aveiro, 29 de setembro de 1863.

O professor de theologia moral

José Joaquim de Carvalho e Góes.

ADÃO DE SOUZA MOREIRA; relojoeiro, chegado ultimamente do Porto, previne o publico que se acha estabelecido n'esta cidade, na rua dos Ferradores, aonde se promptifica a compor relojos de sala, e d'algibeira, caixas de musica, etc.

Tambem espera um sortimento de sabonetes d'ouro, e prata, relojos de parede, e de mesa dos melhores auctores; que venderá por preços commodos, e se responsablisa por elles a todo e qualquer comprador no praso de 12 mezes.

No 1.º do corrente mez d'outubro, principiou diariamente uma carreira de Aveiro para Estarreja em um barco de tolda.

Será a sua partida d'esta cidade para Estarreja nos domingos, terças-feiras, quintas e sabbados de cada semana ás 9 horas da manhã, — e de Estarreja para Aveiro ás segundas-feiras, quartas e sextas ás 11 horas da manhã, e nos sabbados ás 7 horas da noite.

Preços . . { Dentro da tolda . . 500 rs. / Fóra . . . . . 200 rs.

PAA O RIO DE JANEIRO

Vai sair com a maior brevidade a barca JOVEN ERMELINDA, de primeira classe, capitão José Alves da Silva.

Torna-se recommendavel esta barca pelo bons commodos que tem para os srs. passageiros tendo beliches para os da prôa.

Tarta-se com José Corrêa de Sá, Praça de Carlos Alberto n.º 54 e 55, Porto.

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel.*

Typ. do Districto de Aveiro.